ANNO I. THERESINA — 10 DE JULHO DE 1882. NUMERO 4

A FLORESTA

ORGÃO DO PROGRESSO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.

Distribue-se duas vezes por mez, e assigna-se a 1$500 reis por trimestre.

Para servir vos, braço, ás armas feito:
Para cantar-vos, mente, ás musas dada.
CAMÕES.

A FLORESTA.

Theresina, 9 de Julho de 1882

Resposta á pergunta feita a redacção da Floresta, inserida no numero 3 de 13 de Junho de 1882.

Uma das cousas que o homem mais deve ambicionar sobre a terra, é a instrucção, pois é só por meio della, que elle pode conhecer os segredos incalculaveis da naturesa, discriminando o apparente do real, e subindo dos movimentos mais simples ao conhecimento do auctor de seus dias.

Nossa vida sobre a terra é passageira por demais, e não ha proporção entre a alegria e dôres que o homem soffre no periodo de sua existencia, de sorte que, muito peior será a daquelle que vivendo nas trevas da ignorancia, desconhece todos os seus deveres á fim, e teme os menores phenomenos que observa.

O fim que tivemos em vista com a publicação da «*Floresta*» *foi com certesa a cultura das letras*, o desinvolvimento das ideias da sociedade moderna, a luz contra as trevas, em fim a emancipação da humanidade.

E para chegar-mos a esse fim glorioso para nós, e digno por certo do seculo desenove, não duvidamos romper os maiores obstaculos, afim de que fique bem patente, que queremos luz em todos os sentidos, e que rasgamos os vêos mais espessos para que ella se projecte em todos os cantos, ainda occultos pelas trevas da ignorancia, trevas que amesquinhão os mais nobres sentimentos do homem, e o põem supersticioso e hypocrita, apartando-o de tudo que é verdadeiro e real.

Esses são os meios de que vamos lançando mão e lançaremos com mais vantagem para o futuro, tendo sempre como plano de conducta a moralidade de nossos actos representados e augmentações, e baseados em factos legitimos, cuja veracidade não poder-se ha contestar, e que o sendo por algum sophisma grosseiro, será discutido e analysado afim de provar-se as verdades, estabelecidas por nós.

Dissemos que, com mais vantagem para o futuro, em razão de esperarmos que o povo se desacostumando do fanatismo em que vive, erga a fronte livre para encarar as cousas pela sua verdadeira face e conheça o erro em que esteve, abominando a gente de Malta que tanto mal tem causado á humanidade.

Os costumes depravados, a inacção, a hypocresia, até mesmo a immoralidade nos tem vindo dos padres que, não abraçando a verdadeira lei que lhe deo o Omnipotente, e com a insaciavel sède do dinheiro, a tem mudado completamente.

Assim é que inventão purgatorio, dão lenitivos por meio do confissionario (a cousa mais repugnante deste seculo) casão com as abas da casaca, dizem missa em toda parte, e por todo preço, recebem dinheiro do povo e não as dizem, e comettem quanta sorte de arbitrariedades ha.

Para batermos abusos semelhantes, restabelecendo a verdade, em tudo por tudo, estamos promptos, porem luctamos com grande difficuldade, *pois sabe o nobre auctor* da pergunta e é forçoso dizer que, a nossa provincia, a provincia do Piauhy, longe de erguer o nosso brado, longe de transpor o nosso grito e ideias de emancipação á regiões mais elevadas, tem pelo contrario abafado muitas vezes esse arfar constante de nossos corações, não querendo que essas ideias legitimas se externem por meio da imprensa, assim é que muitos de nossos artigos teem voltado da typographia.

E nós, a mocidade ardente d'este seculo, ficaramos de mãos actadas, vendo os abusos praticados todos os dias pela gente de batina sem podermos commental-os!

E sendo conhecedores de quanto é grande o poder da sciencia e progresso, sem darmos a nossa humilde opinião, para que façamo-nos sentir que somos dignos filhos do paiz que habitamos.

Deixae oh! filhos do Piauhy que o grito da mocidade tenha écho, deixae que esses peitos

no arfar glorioso de tão grandes idéas, as externem livre e expontaneamente.

Não queiraes que vossos filhos cahidos no fanatismo, hypocresia e superstição, supportem por mais tempo um peso tão vergonhoso á luz de um seculo tão gigante!

E que esse monstro, filho das trevas, embargue-lhe o passo, corroa-lhe o coração e espanque as ideias de um craneo sonhador com as evoluções emancipadoras, quando todos somos dignos filhos de um paiz livre e generoso.

Deixe-se á margem todas as considerações e repilla-se, com toda a dignidade, abusos de homens tão intolerantes, que sô querem o atraso, a ignorancia, falsas alavancas com que cavão o dinheiro do povo que tudo ignora.

—«:»—

A' quem competir.

No n.º 252 do jornal «Semanario», deparemos com um artiguito assignado—Os justiceiros—cuja leitura nada nos causou de alteração; porque a fôfa presumpção, ou talvez, o espinhado melindre do seu auctor, claramente se patenteou nas primeiras *rabiscadas* de suas linhas.

Seja o anonymo mais polido, menos precipitado nos seus actos e mais consciencioso nas suas loucuras, não nos meça tão arrojado na sua *bitóla*, que para isto não o autorisamos, pondere os factos e reflicta mais no que vai fazer.

Errado juizo formou no seu *gigante* entendimento, quando pretendeu tachar-nos de immodestos e jactanciosos; pois saiba o *encapotado* que não costumamos queimar o incenso da vangloria no proprio tabernaculo de nossa honestidade, e temos o preciso recato para desprezar a corôa da jactancia, com que, por baixo da negra *mascara* que vos cobre, tantas vezes tenha cingido a fronte desmaiada.

Seja mais moderado, sr. *embuçado*, e permitta-nos que lhe façamos uma pergunta.

Leio o artigo que registramos nas columnas da «Floresta»? Onde se encerra n'elle o elogio que tanto vos amartellou a paciencia?

Comprehendeu o seu sentido?

Estarieis na altura de formar um juizo sobre um assumpto, que, primeiro que tudo, exigia uma declaração de nossa parte?

Essa declaração não haviamos ainda dado, e ja a machina replecta do egoismo—*dos justiceiros*—havia feito sua intempestiva explosão!!...

Quanta fraqueza! quanta *eloquencia!*

Se ainda não sabia, sr. anonymo, fique sabendo que no artigo de que tratamos, não se contem o elogio que maliciosamente imaginou, e, que não partiu do seio da redacção da «Floresta», como temerariamente interpretou. Se vos resta alguma suspeita, tenha o incommodo de chegar até o nosso escriptorio á rua da Estrella, casa n.º 24, que se certificará da verdade, e ficará plenamente convencido do contrario.

Não pense, comtudo, que isto será um engôdo que queremos pregar-lhe, não; o autor da *Pergunta* que publicamos, e a que nos referimos, não quer apparecer em publico, desde que a isso se esquivou do principio, mas não se negará a comparecer na sua presença, e declarar-lhe ser, com effeito, o alludido auctor do artigo.

Antes de concluir somos forçados a declarar que a altiva firmesa de caracter, a dignidade, a honra e o respeito que em si resume a pessoa de que fallamos, concorrerá para banir os máus preconceitos que, por accaso, nasçam no vosso cerebro, e, que jamais se prestaria ao rediculo pepel de *testa de ferro*.

Venha, sr. anonymo, que, de já espanamos as cadeiras do nosso humilde escriptorio, e nos preparamos com toda a delicadeza a receber a vossa honrosa visita.

SECÇÃO LIVRE.

Céo e nuvem.

O céo é qual prado de verdes esmaltes
Ornado d'immensas camadas de flores,
E as nuvens—phalenas alegres brincando
Sugando perfumes, bebendo frescores!

E' lago tranquillo de agoas serenas
Por brisas amenas na face beijado,
E as nuvens são cysnes de talhes esbeltos.
Nadando, molhando seu corpo nevado.

O céo é qual ninho de verdes relvinhas
Encantos, aromas de-si desprendendo,
E as nuvens—pombinhas gentis, feiticeiras
Com alvas asinhas os ares fendendo.

E' velho de fronte soberba, orgulhosa,
De brancos cabellos e barbas compridas,
E as nuvens—são meigas creanças sorrin
Fazendo momices, brincando garridas.

São bancos de areia no meio das agoas,
São ageis barquinhas os mares sulcando,
São frescos oasis de grande deserto,
São brancos phantasmas nos ares vagando.

AREOLINO DE ABREU.

—«===»—

Não me ames...

Anjo ou nume—Sybilla do Senhor
Não me ames jamais,
Não olhes para mim, oh ! não !
Nem ouças os meus ais !

Não mereço o amor puro e risonho,
Que me dedicas mulher
Fui ingrato, traidor e pequenino,
Oh ! não me olhes sequer.

Amei-te um dia com as forças de minh'alma
Amei-te, como á Deus
Tu eras muito bella e eras seductora
Mais qu'os anjos dos ceus !

Parecias-me dedicar amor tambem ridente
Sublime inabalavel
Eu deixei teus affectos e ternuras
Ah ! fui um miseravel !

Despresei a florsinha que nascia
Replecta de vigor
E no peito perjuro d'uma outra
Colloquei meo amor.

Deixei a aurora risonha em primavera
Deixei o rosicler
Para repousar tremente de loucura
Aos pés de Lucifer !

Ah ! perdoa, mulher, se assim o fiz
Foi fraqueza de mais.
Mas em troca, te peço, da perjuria
Não me ames jamais.

ZARA.

Maio—82.

—•:=:•—

A.

Eu sou a casta rosa
De pol-la setinosa
Nos campos a florir !
Pois colhe-me, menina,
Estrella peregrina
Dos céos a me sorrir !

Sê pois meiga phalena
Vagando em tarde amena
Por prados de verdura !
E eu dou-te meus olores,
Encantos e frescores,
Formosa creatura !

Nos teus bastos, compridos.
Cabellos denegridos
Qual noite tenebrosa,
Envolve-me, creança,
Astrinho d'esperança,
Camelia melindrosa !

Nilo de ouro.

—•:=:•—

A.

Creança sabes do meu peito joven
Qual a florsinha que brotou primeiro ?
Foi dedicar-te sacrosanto culto,
Foi adorar-te com fervor inteiro.

Qual estrellinha que no ar divaga
Tem nos teus olhos divinal fulgor;
Ousei fital-os quando mais fulgião,
Ceguei ! meu peito palpitou de amor !

Menina forte a bemfaseja brisa
Que extinguiste de meu peito as dores,
Oasis forte que minh'alm'achou
Cheio de incanto, de verdura e flores !

Pobre romeiro d'est'immenso globo
Já ressequidos os meus labios tinha !
Tu foste a gotta de neblina santa
Fostes a legria par'a vida minha !

Eu er'a ave tremulant' e fraca
Suspiros, queixas desprendendo em vão !
Tu foste o anjo que me deu conforto
Flor predilecta do meu coração !

Nilo de ouro.

—•:=:•—

Acrostico.

Lá cançado d'amart'em segredo,
Alulando canções sem valor,
Racrymoso t'encaro menina,
Mris meigo d'um pobre cantor,
Esperando um sorris'encantado
Mempe virge'das rosas hostis;
Ehetis linda um sorriso, um olhar
So amante das moças gentis !

Theresina—1882.

La Larme.

—•:=:•—

SECÇÃO NOTICIOSA.

Desastroso acontecimento—As 12 horas do dia 6 deste, no largo do palacio, á frente do thesouro provincial, os empregados dessa repartição e mais algumas pessoas, forão testemunhas de um conflicto entre o sr. Arthur Hollanda, e o honrado e illustre engenheiro militar, tenente José Faustino da Silva.

O sr. José Faustino, levado por sentimentos mui nobres, com o fim somente de lavar a honra offendida do seu irmão que, um dia antes havia sido injuriado, sem fundamento de causa, pelo alludido Arthur Hollanda, aggrediu-lhe cavalheirosamente e uzando do instrumento que, comsigo trazia, pretendeu vingar-se dando-lhe algumas chicotadas; mas Arthur Hollanda, lançando mão de um rewolver, disparou uma bala mortal sobre o peito esquerdo daquelle que procurava a sua vingança, a vingança do seu irmão offendido, a vingança de uma prole ultrajada !

Assim ferido, faltando-lhe as forças, cahiu por terra, e o aggredido, não satisfeito, precipitou-se sobre sua preza e, com uma manopla, feriu a cabeça de sua victima ! O sr. José Faustino, recuperando as forças, poude desenlaçar-se das garras do seu adversario, e erguendo-se do chão, com essa coragem e intrepidez que cinge a fronte do soldado brazileiro, conseguio tomar-lhe o rewolver e ainda chicotear-lhe por algumas vezes.

Nisto comparece a guarda do palacio em auxilio da victima, e de arma em punho, cercando o delinquente, tão estupefacta ficou, que daria fuga a mais de um prisioneiro. Felizmente dois cidadãos, cujos nomes deixamos de mencionar, vendo o embaraço ou a cobardia da policia, dirigirão-se ao sr. Arthur e derão-lhe voz de prisão. E tinhão razão os soldados de assim praticarem, pois cremos ser o primeiro crime praticado por homem de posição, dentro da capital do Piauhy, no meio de uma população pacifica e quasi alheia á esses factos aterradores, no lugar mais publico, nas portas do poder !

Em fim o facto deu-se, e o sr. Arthur acha-se recolhido na cadêa publica.

Resta agora a justiça dos homens sensatos, e o julgamento dos tribunaes !

Incendio.— Deu-se um, na nóite de 8, em uma casa de palha, situada nos arrabaldes do 1.º districto.

Loteria.—Não foi sanccionada a resolução que autorisava dez loterias em beneficio da Santa Casa de Mizericordia,—em consequencia, diz o presidente da provincia, dos males que ellas acarretam, mesmo áquelles que as autorisam, que é o peior, o mais deploravel recurso de que se pode lançar mão; e que se ellas auxilião necessidades de occasião, deixão males e ruinas, que nunca poderão ser sanados.

Temos visto todos os paizes civilisados manejarem com essa arma, para acudirem as necessidades de suas finanças; mas o Piauhy é uma provincia *cheia* de recursos, e que, se não está presentemente *moralisada*, *moralisar-se-ha* agora com esse acto de heroismo.

«Martello».—Recebemos o 1.º n. deste jornalzinho que aqui se publica.

Agradecemos o collega a mimosa offerta, retribuindo-a com a «Floresta».

Jornaes.—Tambem recebemos a *Onda*, *Observador*, *Commercio de Caxias*, *Vianuense*, *Norte e Parahyba*, publicados em diversas provincias do Imperio.

Agradecendo as illustres redacções, enviamos o nosso humilde e ignoto jornal.

Sessão magna.—Houve no dia 24 do passado, a do « Club Litterario Theresinense », sendo a apuração da eleição para os diversos cargos, a seguinte:

Presidente—Flavio Mendes.
Vice-presidente—Pompilio Castro.
Orador—Antonio Deoclecio.
1.º secretario—Nascimento Filho.
2.º dito—Raimundo Arthur.
Thesoureiro—José Rocha.

Errata.—Por um descuido imprevisto deixou de sahir, no ultimo n.º deste jornal, conforme o autographo, a poesia—Céo e nuvem—: o que agora a reproduzimos exata.

Desculpa.—Por incommodos de saude do nosso editor, deixemos de satisfazer o nosso compromisso no mez passado, promettendo fazer no presente; pelo que pedimos desculpa aos nossos assignantes.

A' roda do mundo.—Lê-se na *Patria* de Montevidéo:

O conhecido medico inglez Dr. Lausen chegou de Buenos-Ayres com o fim de embarcar aqui no paquete inglez *Tamar*, dirigir-se a Europa e fazer em seguida uma viagem á roda do mundo.

O sympathico viajante deter-se-ha nos Estados-Unidos, em New York provavelmente, irá a California, passará depois ao Japão, a China, India, Ceylão, Cairo e Constantinopla.

Foi nomeado para exercer interinamente a gerencia da Companhia de Vapores no Rio Parnahyba, o director, sr. capitão José João dos Santos, durante a ausencia do digno gerente, capitão João de Castro Lima e Almeida, que segue á manhã para a côrte do imperio, em commissão da mesma Companhia.

Impresso na Typ. da «Epoca»—1882.